

*Rachel Abreu*

Leandro Gomes de Barros



**A MORTE DO BICHEIRO**

**E**

**O Boi Misterioso**

(5º VOLUME)



**A VENTURA**

**RUA DO ALECRIM**

**P.**

Rachel  
Almeida



## A morte do bicheiro

No tempo da monarchia  
Os homens tinham capricho,  
Os pobres tinham dinheiro  
Que botavam até no liecho.  
Homem não pagava imposto  
Mulher não jogava bicho.

Então chegou a republica  
Trouxe logo o desespero  
Rico não teve mais paz  
Pobre não viu mais dinheiro,  
Ganha trez, um para casa  
Dois para imposto e banqueiro.

O homem joga de um lado  
De outro joga a mulher,  
Joga a sogra e as cunhadas  
E os filhos que tiver,  
Com sonho palpíte e certeza  
Vai-se e dinheiro que houver.

1912-11-14

Conheci um usurario  
Esse nem sequer comia,  
Porém damnou-se no bicho  
Jogou o que possuia,  
Só não jogou a mulher  
Porque ninguem a queria.

Tinha dinheiro em trez bancos,  
Acções em sociedades,  
Duas casas de negocio  
E boas propriedades,  
Mas o bicho não respeita  
Essas grandes quantidades.

Pensando elle no jogo  
Ficou bem suprendido,  
Botar um e tirar vinte  
E' lucro desconhecido  
Isso é plantar pouco ferro  
E nascer ouro pollido.

Logo a primeira semana  
Todos os dias tirou  
Na segunda, terça e quarta  
Quinta e sexta ainda ganhou,  
Porém no sabbado a noute  
Devido ao jogo chorou.

O velho azar visitou-o  
O que elle não esperava

Confiado nas promessas  
Que o jogo de bicho dava  
Não achou quem lhe dissesse  
Que bicho não alisava.

No sabbado teve uma cincope  
Só por esse prejuizo,  
Então na segunda-feira  
Quasi que perde o juizo,  
Na terça jogou o resto  
Na quarta já estava liso.

Elle dormindo sonhou  
Que um touro soltava um urro,  
O anjo da guarda delle  
Ameaçava-lhe um murro  
Um negro magro chegava  
Offerecia-lhe um burro.

Elle dizia comsigo  
O touro veio me avisar  
O anjo é uma caipora  
Vem para me emcaiporar,  
Aquelle burro do negro  
E' muito favel dar.

Devido a essa impressão  
Adoeceu de repente,  
Chamou a mulher e disse  
Morro desgraçadamente,

Tirava meu prejuizo  
Se não cahisse doente.

Se no céu houver bicheiro  
Eu tiro meu prejuizo,  
Se o banqueiro não fôr forte  
Arriba ou perde o juizo  
Se não houver um azar  
Tenho que deixal-o liso.

Disse a mulher meu marido  
Só eu mandando chamar  
O padre da freguezia  
Para vir lhe confessar,  
Mande e veja se elle sabe  
Qual é o bicho que dá?

Ahi a febre cresceu  
Elle viu uma mulher  
Então elle perguntou-lhe  
Minha senhora o que quer  
Se me traz algum palpito  
Diga lá o que quizer.

Ella fez uma carêta  
Puchou um nojento sacco  
Que trazia na algibeira  
De um velho e sujo casaco,  
Elle chamou a mulher  
E disse o bicho é macaco.

Perguntou elle a visão  
Para onde é que se bóta  
Donde vem p'ra onde vai  
Com semelhante derrota  
Terá vindo vender bicho  
Se vem deixe ver a nota.

Disse a visão: você veja  
Que não sou de brincadeira  
Eu entro em todas as casas  
O dono queira ou não queira,  
Venho avisal-o, o senhor  
Está na hora derradeira.

O doente perguntou  
Vossa excellencia é a morte?  
Sim senhor respondeu ella,  
Eu ando de sul a norte.  
Então o doente disse  
Seu facão é muito forte.

A visão saiu e disse  
Chame o padre e se confesse,  
Disse o doente eu pensei  
Que essa besta me trouxesse  
Um palpito que jogasse  
E de tarde o bicho desse!

Depois que a morte sahiu  
Elle poz-se a afadigar-se

Um homem fallou na porta  
Elle mandou que entrasse  
Era um frade e perguntando  
Se queria confessar-se.

Meu padre disse o doente  
Vejo a desgraça no rancho  
A morte fez-me terror,  
Porém terror eu desmancho  
Eu só queria saber  
Que bicho estava no gancho.

Meu irmão dizia o frade  
Veja não se precepite  
Despreze todo este mundo  
Olhe que o inferno existe  
O doente perguntou  
Frade qual é seu palpito?

Christe Eleison disse o frade  
Christe Eleison aus de nós  
Disse o doente olhe frade  
Que cachorrão tão feroz  
Ouvi um bicho cantar  
E' de gallo aquella voz.

Disse o frade no inferno  
E' tão medonho e sussurro  
As almas naquellas chamas  
Gemem e soltam cada urro.

Disse o doente eu não digo?  
Que o bicho é touro ou é burro?

Meu irmão dizia o frade  
Resemos acto de fé.  
Disse o doente eu sei lá?  
Esta resa como é!  
Eu creio no touro e no burro  
Em macaco e jacaré.

Morreu e saiu o frade  
De tudo penalizado  
Dizendo aquelle palpito  
Do defunto era damnado!  
Se eu soubesse que tirava  
Ia jogar um crusado.

Disse o frade eu vou jogar  
No palpito do defunto  
E vou jogar cem mil réis  
Se o bicho der, tiro muito.  
Gasto o que ganhar nas missas  
E o do bicho eu ajunto.

Jogou duzentos mil réis  
Porém de tarde rcdou  
Tambem as pedras tremiam  
Das pragas que elle rogou  
Disse: o gosto que tenho  
E' que o diabo o levou.

## O boi Misterioso

5. VOLUME

O coronel disse a elle  
Eu fico penalizado  
Não digo que se demore  
Porque seu pai tem cuidado  
Veja se volta em janeiro  
Que me acha preparado.

Então o Sergio sahio  
Não pode se demorar,  
O coronel Sizenando  
Não deixou mais de pensar  
Porque forma aquelle boi  
Ninguém podia o pegar.

Chamou o escravo e disse  
Monte n'um cavallo e vá  
A fazenda do desterro  
Diga ao vaqueiro de lá  
Que eu mando dizer a elle  
Que sem falta venha cá.

O escravo cumpriu logo  
O dever de portador,

— 9 —

Achou a casa fechada  
Perguntou a um morador  
Se sabia do vaqueiro  
Esse disse não senhor.

Então o morador disse  
Na noite de sexta-feira  
O indio foi ao curral  
Deixou aberta a porteira  
Sahiu montado a cavallo  
E levou a companheira.

Voltou o escravo e disse  
Tudo que tinha sabido  
Que na sexta-feira a noite  
O indio tinha sahido  
E carregou a mulher  
Como quem sahe escondido.

Inda vá, mais esta agora!  
O coronel exclamou!  
Aquelle bruto sahio  
E nem me communicou  
Que diabo teve elle  
Que até o gado soltou?

No outro dia foi lá  
Achou a casa fechada  
Então a porta da frente  
Tinha ficado cerrada

Até a mala da roupa  
Inda estava destrancada.

O fazendeiro com isso  
Ficou muito constrangido  
Pensava logo em um crime  
Que podesse ter havido  
O indio não tinha causa  
Porque sahiisse escondido.

Então mandou gente atraz  
Pelo mundo o procurar  
Não achou uma pessoa  
Que disesse: eu vi passar  
Em todo sertão que havia  
Elle mandou indagar.

Então o povo dizia  
Que o indio era feticeiro  
E uma fada pediu-lhe  
Que não fosse mais vaqueiro  
A fada transformou elle  
Em um viado galheiro.

Os faladores diziam  
Que elle foi assassinado  
E talvez o coronel  
Tivesse mesmo mandado  
Matar elle e a mulher  
Para ficar com o gado.

Outros diziam ao contrario  
Até juravam que não  
Os dois cavallos do indio  
A onde botaram então?  
Mesmo assim o coronel  
Não fazia aquella acção.

Bem encostadinho ao indio  
Uma velha fiandeira  
Morava numa cazinha  
E fiava a noite inteira  
Disse que quasi se assombra  
Alli numa sexta-feira.

Disse a meia noite em ponto  
Eu ainda estava fiando  
Em casa do Benvenuto  
Eu ouvi gente falando  
Espiei por um buraco  
Vi chegar um boi urrando.

A velha disse: Deus mande  
A cascavel me morder  
Se de lá de minha casa  
Não ouvi o boi dizer  
Bôa noite! Benvenuto!  
Eu só venho aqui te ver.

O boi disse outras palavras  
Que eu de lá não pude ouvir

O caboclo e a mulher  
Disso ficaram a sorrir  
O boi, o indio, e a mulher  
Todos tres en vi sahir.

Ahi fui guardar o fuso  
E a cesta do algodão,  
Credo em cruz dizia eu  
Aquillo é arte do cão,  
São cousas de fim de mundo  
Bem diz frei Sebastião.

O coronel a principio  
Inda não acreditou  
Porem depois reflectindo  
Uma acção que o indio obrou  
Quando rastejavam o boi  
O indio não foi, voltou.

E então desse dia em diante  
O boi ninguem mais o viu  
Não houve mais quem soubesse  
A onde elle se sumiu  
Foi igualmente a fumaça  
Que pelos ares subiu.

Como o indio e a mulher  
Tudo desapareceu  
Tanto que diziam muitos  
Que o diabo os escondeu

Durante dezeseis annos  
Novas d'elles ninguem deu.

Sergio o vaqueiro de minas  
Todos os mezes escrevia  
Perguntando ao coronel  
Se o boi ainda existia,  
Dizendo quando quizer  
Me escreva marcando o dia.

Faziam dezeseis annos  
Que o boi estava sumido  
Até por muitas pessoas  
Elle já estava esquecido  
Quasi todos lá pensavam  
Que elle tivesse morrido.

O coronel Sizenando  
Tinha como devoção  
Festejar todos os annos  
A imagem de São João,  
Todo anno era uma festa  
Não havia excepção.

Uma noite de São João  
Na fazenda Santa Rosa  
Só a noite de Natal  
Estaria tão venturosa  
Porque em todo sertão  
Aquella era a mais garbosa.



Tres classes ali dançavam  
Em redobrada alegria  
No salão da casa grande  
Os lordes da freguezia.  
Em latada de capim  
A classe pobre que havia.

O leitor deve saber  
Do estylo do sertão  
O que não fizer fogueira  
Nas noites de São João,  
Fica o odiado do povo  
Tem fama de má christão.

O coronel Sizenando  
Derrubou uma aroeira  
E vinte e oito pessoas  
Carregou essa madeira  
Para o pateo da fazenda  
E fizeram uma fogueira.

Estava a noite vinte tres  
Do mez do Santo Baptista  
Como outra no sertão  
Nunca tinha sido vista  
Só faltava alli a musica  
Discurso e fogo de vista.

Estava o povo todo alli  
Uns dançando, outros bebendo

Um prazer desmasiado  
Eni tudo estava se vendo  
Mais de cincoenta pessoas  
Assando milho e comendo.

Meia noite mais ou menos  
Poude o povo calcular  
O gallo pai do terreiro  
Estava perto de cântar  
Quando viram um touro preto  
No pateo se apresentar.

Metteu os cascos na terra  
Cobriu tudo com poeira  
Soltou um urro tão grande  
Que ouviu-se em toda ribeira  
Deixou em cima da casa  
Todas brazas da fogueira.

Dos cachorros da fazenda  
Nem um sequer accudiu  
O gado urrava com medo  
Parte do povo fugiu  
O coronel Sizenando  
Foi o unico que sahiu.

Inda viu o vulto d'elle  
Que, pelo o pateo ia andando  
Chamou os cachorros todos  
Esses fugiam uivando

O povo todo em silencio  
Já muito se retirando.

Então acabou-se a festa  
O povo se debandou  
Os moradores de perto  
Lá um ou outro ficou,  
Aquelle clarão garboso  
Em escuro se torçou.

(Fingar-se-á na disputa do nova-  
seita com o urubú).



O autor reserva o direito de pro-  
priedade

H

Proof

Author's name to be printed  
in the margin of the proof

(L 68)

Printed by the University Press